

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
LUZ E CREPÚSCULO - O CINEMA DE AKI KAURISMÄKI
12 de abril de 2023

MIES VAILLA MENNEISYYTTÄ / 2002

(O Homem Sem Passado)

um filme de **Aki Kaurismäki**

Realização e Argumento: Aki Kaurismäki / **Direcção de Fotografia:** Timo Salminen / **Direcção Artística:** Markku Patilä e Jukka Salmi / **Guarda-Roupa:** Outi Harjupatana / **Música:** Ken Yokoyama / **Som:** Jouko Lumme e Tero Malmberg / **Montagem:** Timo Linnasalo / **Interpretação:** Markku Peltola ("M", o homem sem passado), Kati Outinen (Irma), Juhani Niemelä (Nieminen), Kaija Pakarinen (Kaisa Nieminen), Sakari Kuosmanen (Anttila), Anniki Tähtti (gerente), Anneli Sauli (dona do bar), Elina Salo, Outi Maenpää, Esko Nikkari, Pertti Sveholm, Matti Wuori, Peter Von Bagh, etc.

Produção: Sputnik Oy – Bavaria Film – Pandora Filmproduktion – Pyramide Productions – Yleisradio / **Produtor:** Aki Kaurismäki / **Cópia:** 35mm, cores, com legendas em francês e legendagem electrónica em português, 97 minutos / **Estreia em Portugal:** King, a 1 de Novembro de 2002.

Os filmes de Kaurismäki são normalmente recebidos com alguma condescendência; não suscitam, de modo geral, grandes ódios ou embirrações, mas também costumam ser poucos os críticos que se mostram verdadeiramente entusiasmados. A posição mais costumeira é a do "sim, mas", como quem reconhece a peculiaridade do cineasta finlandês mas logo lhe encontra algumas objecções (é verdade que há filmes mais propícios a uma entrada sem reservas no mundo Kaurismäkiano do que outros, e quem nunca pecou que atire a primeira pedra). No caso concreto de **O Homem sem Passado**, a objecção mais recorrente consistiu na ideia de que Kaurismäki se estaria a "repetir", e que este filme pouco ou nada de novo traria ao seu cinema. Ora sem fazer brincadeira nenhuma, a objecção é certa mas não serve de objecção: é que se Kaurismäki se "repete", então repete-se há cerca de quinze anos, pelo menos desde **A Rapariga da Fábrica de Fósforos** – as histórias e as narrativas vão mudando aqui e ali, mas o "filme", basicamente, vem sendo mais ou menos o mesmo. O que é óptimo.

Como praticamente todos os filmes de Kaurismäki desde essa altura (com óbvia excepção do "falso mudo" **Juha**) traz-nos um universo facilmente reconhecível e identificável. Aliás, tão reconhecível e identificável que basta um plano (um plano qualquer) para se perceber a assinatura de Kaurismäki, coisa que só acontece com cineastas muito grandes. Num plano de Kaurismäki, seja pela luz ou pelo enquadramento, pelo movimento ou pela disposição das personagens, a maior parte das vezes por tudo isto junto, está sempre a sua assinatura. Por extensão, num filme também. **O Homem sem Passado** é mais uma crónica sobre os "deserdados" do

mundo moderno (filmada a partir dos baldios da Finlândia moderna), uma espécie de filme de combate "gandhiano", ao mesmo tempo ferozmente resistente e ferozmente passivo. Passivo ou "ensimesmado" – esse profundo "ensimesmamento" dos filmes de Kaurismäki (que também tem um reflexo no seu uso do arsenal de referências cinéfilas) é uma das coisas que mais irrita quem não gosta dos seus filmes, mas é ao mesmo tempo um dos traços mais vincados da sua personalidade. As personagens de Kaurismäki fazem, passe a expressão, um enorme manguito ao mundo "civilizado" e "moderno": tudo o que conta, para eles, e visto que não têm nada nem possuem nada, é um profundo sentido da honra e da dignidade (vide, neste filme, a espantosa personagem do assaltante do banco), e uma melancolia despida de toda e qualquer ambição que não se prenda com uma capacidade hedonista de aproveitar cada instante (nuns filmes são os cigarros e o whisky, neste são, por exemplo, as cervejas e os velhos clássicos "rock", e, sempre, os improvabilíssimos tangos finlandeses). Ao mesmo tempo um individualismo exacerbado mas solidário, feito do que, à falta de melhor termo, se diria ser um "sacrifício sem sacrifício" (um ótimo exemplo, neste filme, é o truculento guarda-nocturno).

Depois, o segredo de Kaurismäki reside muito na forma é capaz de despir cada cena até à sua mais radical elementaridade. Uma espécie de simplicidade despojada que é capaz de "secar" o lado mais empolado das formas melodramáticas (aquilo que "vem" da tradição, por assim dizer) para, ao mesmo tempo, avivar o que através delas surge como essencial. Um momento fantástico, neste filme, é toda a sequência do reencontro (e despedida) de "M" com a mulher que ele já não se lembrava que tinha, mais o novo namorado dela ("então não lutamos?" – "não vejo nenhuma razão") – nem comédia nem tragédia, nem farsa nem melodrama, ou antes um pouco de todas as coisas, numa enorme contenção expressiva que é a medida justa (e "justa" não é sinónimo de "neutra") de descrever e fazer perpassar uma vasta gama de emoções contraditórias.

Luís Miguel Oliveira